



CHRONICA SEMANAL

REDIGIDA POR UMA SOCIEDADE D'HOMENS SEM LETRAS

PROPRIETARIO — HUMBERTO S. PINTO

CORRESPONDENCIA À LIVRARIA POPULAR, R. AUGUSTA, 222 — LISBOA

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO POR ANNO OU 52 N.º 1 \$000 RÉIS — CADA N.º 20 RÉIS

ANNO 1.º LISBOA, 11 DE DEZEMBRO DE 1884 NUMERO 24

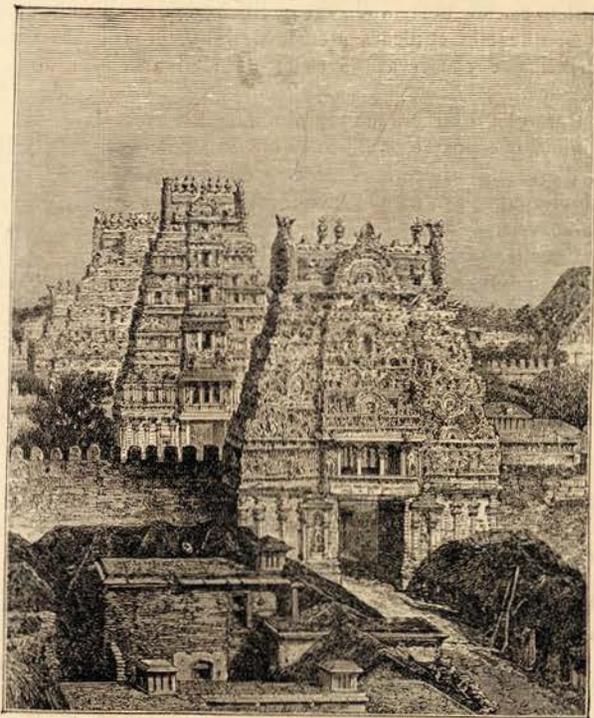
CHRONICA DA SEMANA

SUMMARIO — Marinha Corrêa e madame Clovis

ENCERROU-SE o summario e ella foi pronunciada sem fiança! Não está bem averiguado o caso de ter sido ou não perpetrado o homicidio em justa e legitima defeza, ou se foi um homicidio casual ou premeditado.

Pelas narrações da imprensa não pôde firmar-se uma opinião, porque é tal a discordancia das versões, que só pôde apurar-se um facto incontestável—que foi morto um homem com um tiro de revolver, e que essa morte é imputada a uma mulher, que está presa nas cadeias da relação do Porto, onde mandou alcatifar e mobilar os seus aposentos para os tornar mais commodos e confortaveis.

Mais nada com referencia ao crime; com relação, porém, a putativa criminosa ha um luxo de descripções, uma prodigalidade de minucias explicativas, que fa-



PAGODE INDIANO EM SIRRHINGHAM

zem honra aos *reporters* da imprensa portuense.

O Porto e Paris foram, quasi simultaneamente, abalados por dois homicídios identicos, praticados com revolver, por duas mulheres casadas e sem as circumstancias aggravantes de ser de noite, em sitio escuso e longe de povoado.

Madame Clovis e madame Marinha são as duas heroínas do dia, são as duas celebridades da época, são o thema forçado das variações jornalisticas.

Madame Clovis tem por si a opinião publica, porque são conhecidos os motivos, que a determinaram a matar o homem, que a offendeu nos seus brios de mulher honesta e que ultrajou a sua honra de mulher casada.

O procedimento de madame Clovis é nobre e digno, apezar de ser criminoso em face da lei, que é tão absurda, que commina a pena de morte para os assassinos da vida e prescreve uma pena leve para os assassinos da honra.

Madame Clovis matou Morin em justa defeza, porque o infame queria roubar á pobre senhora o amor do esposo, o amor dos filhos, o respeito social, destruindo esse edificio de venturas, que ella edificara á custa de innumerous sacrificios e conservava á custa de vigilantes cuidados.

Para ella o lar era um templo, a familia uma religião, o esposo e os filhos os objectos do culto, d'esse culto intimo, santo e respeitoso, com que ella embalava a sua alma crente, virtuosa e apaixonada.

Um dia quizeram profanar impiamente o santuario d'essas ternas affeições e ella, com a tranquillidade de quem defende um direito, com a resolução de quem pratica um dever, com o sangue frio de quem obedece aos impulsos da virtude, estendeu a seus pés, quasi cadaver, o miseravel, que com calumnias queria fazer desabar o templo da sua felicidade, sepultando n'essas ruinas o amor, que lhe tinham os filhos, a estima, que lhe dava o esposo e a consideração, que pelas suas virtudes domesticas ella impunha á sociedade.

Está preza, á espera do julgamento legal, porque no tribunal da opinião publica ha muito que foi absolvida e perdoada.

Com madame Marinha não se dão as mesmas circumstancias. A causa, que actuou no seu espirito para a determinar a fazer uso de um revolver contra um homem indefeço, não é ainda conhecida, posto que ella declarasse que o fi-

zera em legitima defeza, porque esse homem a insultára e lhe batera.

Admittida a verdade da declaração, se foi essa a unica causa determinativa do assassinato, sem quereremos apreciar o seu valor juridico, concedendo a maxima amplitude áquella phrase legal, — legitima defeza — supondo já a absolvição da criminosa com aquelle fundamento, parecemos, com tudo, que não ha termo de comparação entre os dois crimes, a um dos quaes falta a nobreza de origem, que destingue o outro.

A imprensa, narrando e commentando o crime da Foz, não omite, sempre que se reffere a D. Marinha, os adjectivos — a bella, a formosa, a elegante a romanesca D. Marinha. No codigo penal não se mencionam essas attenuantes, mas é provavel que o jury as subentenda no seu plinissimo direito de julgador, e lavre o seu veredictum absolutorio, apagando assim na fronte juvenil da formosa dama o estygma do crime; mas a absolvição não pode ir tão longe, que enchugue os prantos da viuvez e da orfandade e apague no rosto dos orfãos e da viuva os sulcos d'essas lagrimas, que hoje são de saudade, amanhã podem ser de desespero e mais tarde serão de vingança contra a mão assassina, que lhes roubou aquelle, que lhes era protecção e amparo.



DESCRIPÇÃO DAS NOSSAS GRAVURAS

A NOSSA primeira gravura representa o Pagode Indiano, em Sirkhingam, monumento admiravel pelos seus primores artisticos e pela solidez e elegancia da sua construção.

Os indios são supersticiosos. A uma imaginação viva, nunca subordinada a educação alguma racional, devem elles essas superstições grosseiras, sancionadas pela religião-indu com todo o seu cortejo de divindades impuras.

A timidez de character preservou os d'esse fanatismo brutal, que caracteriza os musulmanos e por isso a sua religião é respeitada e as suas crenças são sinceras.

O *civismo*, a que pertence a maior parte dos habitantes do Decan, tem para elles tanto valor, que lhe são mais affeiçãoados do que á propria vida.

Esta religião, pelos seus sonhos fantasticos e pela sua poesia grosseira, fascinou-lhes a imaginação; e as ceremonias do culto, ao passo que lhes lisongeiam as paixões, divertem-os.

A metempsicose, em que elles crêem, contri-

bue para essa tendencia natural do espirito para a vida contemplativa e indolente.

O templo é pois para elles um monumento sagrado e por isso empregam n'elle todas as ostentações da architectura.

Pela nossa gravura podem os leitores ajuizar a que ponto sobem essas maravilhas.

×

A nossa segunda gravura representa um rapaz nobre da Armenia.

Os Armenios tornam-se notaveis pela sua beleza fisica. A sua linguagem aproxima-se da dos mais antigos dialectos da raça arya e a sua historia liga-se á dos Medas e dos Persas por muito velhas tradições. Têm a pelle branca, os olhos e os cabellos pretos e as feições mais perfeitas que as dos Persas.

Destinguem-se dos Indios pela abundancia da barba.

O clima da Armenia é geralmente frio, todavia nos valles e nas planicies o ar é mais temperado e o sollo mais fertil.

O Armenio torna-se notavel pelo seu caracter grave, laborioso, intelligente e hospitaleiro e é excellente commerciante.

×

A nossa terceira gravura representa uma dama d'Armenia.

As mulheres d'aquella região são formosas, elegantes e intelligentes e vestem-se como as senhoras europeias, ás quaes nada ficam a dever em dotes de espirito e em fina educação.

Em um livro de viagens, que temos presente, faz-se d'ellas um tão lisongeiro retrato, que não podemos deixar de transcrever as seguintes linhas «formosas como as circacianas, espirituosas como as francezas, elegantes como as andaluzas, castas como as inglezas, instruidas como as allemans, as Armenianas são a synthese de todas aquellas perfeições, o ideal das mulheres.»

×

A nossa ultima gravura representa uma donzella turcomana.

A mulher turcomana tem o typo mais accentuado que o dos homens. As maçãs do rosto são mais salientes e a sua cor é muito branca. Os cabellos são abundantes, mas curtos. Para augmentar o comprimento das tranças ligam-lhes pellos de cabra e cordões, que enfeitam com fitas e esferas de prata. Far-se-ha uma ideia do trajar das mulheres d'aquella região, vendo a nossa gravura. A cabeça é coberta por um cubo, por

cima do qual põem um veu de seda ou de algodão, cahido sobre as espaduas. Tudo isto é seguro por uma especie de turbante da largura de tres dedos, no qual são cozidas pequenas laminas de prata.

As joias, collares, bracetetes e cadeias são tão abundantes no vestuario das turcomanas, que quando uma duzia d'ellas vac á fonte faz um ruido semelhante ao tocar de campainhas.



CARTEIRA UTIL

HYGIENE

PRECEITOS RELATIVOS AO VESTUARIO

ANATUREZA, dando ao homem um involucro mais ligeiro, menos quente e menos resistente, que aos outros animaes, seus companheiros ou seus escravos, deixou á sua industriosa sagacidade o cuidado de inventar os vestidos e apropiá-los ás estações e aos climas. D'ahi lhe vem a faculdade de habitar em todos os logares e de poder viver em todas as temperaturas. O homem devia pois nascer nu, por isso mesmo que é um animal cosmopolita.

Cada animal tem no seu involucro invariavel as condicções, que lhe determinam a patria, em quanto que o homem, cujas emigrações têm por limites os limites do globo, devia poder modificar os seus vestidos, segundo as estações e os climas.

O homem ampliou, porém, essa já ampla faculdade, porque fez intervir o luxo na satisfação das necessidades reaes e os seus vestidos converteram-se em ornamentos da moda, a qual não podendo modificar-lhe a structura, tratou de embelezal-a e corrigil-a.

D'ahi nasceram gravissimos males, apezar de terem resultado tambem alguns bens, como são o desenvolvimento da industria, a multiplicação do trabalho e esse progredir assombroso das artes e das sciencias que lhes são correlativas.

Nós que não somos inimigos systematicos da moda, mas que reconhecemos os seus beneficios e os seus prejuizos, vamos dar aos nossos leitores alguns conselhos, com o unico fim de lhes sermos uteis.

É um erro gravissimo seguir á risca e sem criterio todos os decretos d'essa imperante, que governa sobre todos os paizes da Europa.

É necessario reagir contra a preponderancia d'essa realza caprichosa, que impõe aos seus

subditos vexatorios sacrificios e às vezes ridiculas uzanças. A maior parte das doenças e das causas, que definham as gerações, é proveniente dos rigores, com que queremos obedecer às prescripções da moda.

O figurino é o pae da tuberculose, da escro-

horas consecutivas nos bicos dos pés, resultando d'isso funestos inconvenientes.

Seria longa a ennumeração dos accessorios da moda, que causam transtornos à saúde, e o bom senso de cada um devia ser bastante para reconhecê-los e evitá-los.

É uma noção falsa da elegancia supôr que a cintura deve ter uns tantos centímetros de periferia.

O corpo deve andar à vontade dentro do vestido, de maneira que os movimentos sejam livres e desembaraçados. É ridicula a mulher que se espartilha até ao ponto de não poder curvar-se para apanhar uma luva ou colher uma flôr, e é criminosa a mãe, que sacrifica às exigencias da moda o desenvolvimento natural do filho, que traz nas entranhas, onde muitas vezes adquire defeitos de conformação, impossiveis depois de corrigir e remediar.

A moda é um indicio da ignorancia e da falta de illustração de muitos dos seus adoradores, que a aceitam sem criterio e a observam sem reflexão; e contra essa falta de senso pratico é que nós nos insurgimos, recommendando às nossas leitoras, que não lhe sacrifiquem a saúde e que d'ella só aproveitem aquillo, que lhes não fôr prejudicial.

MINIATURAS

FILIPPE DE GIRARD

FILIPPE DE GIRARD, nascido em Lourmariu, nas margens do Durance, no anno de 1775, cultivou com gosto a musica e a pintura, mas mostrando sempre, desde a infancia, notavel inclinação para a mechanica. Bem

cedo a revolução o obrigou a alistar-se, como soldado, vindo-se mais tarde na necessidade de emigrar, e então, para proporcionar à sua familia um simples intertenimento, utilisou as suas aptidões para a chimica e para a mechanica.

Depois de ter exercido a profissão de pintor, estabeleceu em Livorne uma fabrica de sabão, depois em Marselha uma fabrica de productos chimicos, e finalmente em Nice, depois de brilhantissimo exame, occupou com distincção uma cadeira de professor de chimica.



UM RAPAZ NOBRE DA ARMENIA

phula e da anemia, que consomem a maior parte d'essãs mulheres, que passeiam pelas ruas de Lisboa, mais parecendo espectros, que seres animados.

O espartilho, que as comprime, tolhe a circulação e o exercicio harmonico dos pulmões, que não funcionam livremente, opprimidos n'aquelles ergastulos de barba de baleia e varas d'aço.

Os saltos do sapato ou da botina, collocados no centro do pé em virtude da inclinação, que lhes dá a moda, obrigam as pacientes a andarem

Com o estabelecimento do Consulado, foi a Paris, onde o seu espirito começou a desenvolver-se. Na exposição de 1806 apresentou numerosas invenções suas, sobre tudo em instrumentos de optica, aperfeiçoando os systemas de illumination e das machinas a vapor.

A mais importante de todas as suas invenções foi a machina para fiar o linho. Napolão I premetteu que daria o premio de um milhão ao inventor de uma machina para fiar o linho. Girard, que nos seus anteriores estudos se não tinha ainda preparado para semelhante empreza, encerrou-se durante uma noite no seu gabinete e no dia seguinte de manhã o principio da machina estava descoberto. Dois mezes mais tarde obteve o seu diploma de inventor e depois de pacientes experiencias durante dois annos, em 1813, fundava uma fabrica mechanica de fiação de linho. O milhão estava ganho mas nunca conseguiu recebê-lo; as agitações do Imperio afastaram a attenção do governo e a Restauração, mal aconselhada, recusou-se a pagar essa divida sagrada.

A Austria chamou Girard para lhe confiar o estabelecimento das suas fiações, mas não tendo esta nação garantido as suas promessas, o artista accitou as offertas da Russia e fundou na Polonia fabricas importantes. Durante os vinte annos, que Girard passou n'este paiz, o seu genio inventivo creou novos aperfeiçoamentos para a fabricação de assucar de beterraba, de rodas hydraulicas e deapparelhos ingenhosos para polir os canos das espingardas com o auxilio de machinas a vapor.

Apesar do reconhecimento, que lhe inspirava a generosa protecção do governo Russo, o desejo de tornar a ver a sua patria fel-o voltar a França. Em 1844 estava em Paris e ahi teve a satisfação de poder, na exposição d'esse anno, apresentar novamente todas essas invenções postas em pratica.

Girard morreu em Paris em 1845. A consciencia dos relevantes serviços que elle prestou e o

testemunho imparcial da historia são a justa recompensa do seu merito.

A. A. RODRIGUES DA CUNHA



UMA DAMA DA ARMENIA

REVISTA DOS THEATROS

O GUILHERME TELL é a opera de predilecção da plateia de S. Carlos.

Annunciada, é contar com uma caza cheia e com o enthusiasmo dos *dilletanti*, que se

não cançam de victoriar os artistas, que á porfia disputam as ovações do publico.

A empresa Campos Valdez não se tem poupado a despezas e sacrificios para attrair a concorrencia; mas infelizmente não tem conseguido esse fim, porque o publico é tão exigente, como são limitados os recursos pecuniarios, de que dispõe.

Somos um paiz pobre, é necessario que nos convençamos d'isso, mas ao mesmo tempo devemos lembrar-nos que não podemos levar as nossas exigencias ao ponto de só querermos ouvir notabilidades, com as quaes as empresas têm necessariamente de ser prodigas, porque ellas sabem pôr o preço aos seus meritos artisticos e não é regateando o preço da cadeira, do *fauteil*, da friza e do camarote, que conseguimos o direito de ser exigentes.

Parece impossivel que ainda haja emprezarios para S. Carlos!

Apezar do subsidio do governo as empresas luctam com enormes difficuldades, porque a receita, por mais esforços que os emprezarios empreguem, não dá nunca para fazer face ás enormes despezas, que andam inherentes áquelle genero de espectaculos.

Além d'isso os artistas têm receio da critica nacional, sempre ruidosa e retumbante.

Em outras epocas vinham aqui receber a sa-gração da fama os mais celebrados cantores. S. Carlos era o *capitolio* onde os artistas recebiam a corôa triumphal, ou donde eram conduzidos á *rocha tarpeia* para se despenharem nos abismos da mediocridade.

As tradições conservam-se ainda; mas a raça dos amadores, d'esses amadores que tinham gosto e fortuna, extinguiu-se e hoje só resta d'ella a memoria e o sr. José Carlos de Freitas Jacome, unico dos *habitués* de S. Carlos, que ainda conserva o nobre aprumo d'esses aureos e ditosos tempos.

×

A Empresa Diaz com a intelligente direcção, que todos lhe reconhecem, vae captando o favor do publico e as enchentes succedem-se ao passo que se vão exhibindo novos trabalhos e vão apparecendo as estreias de sensação.

Hontem era o celebrado ventriloquo O'Kill, hoje são os celebres e arrojados voadores Restustas e Therasas, amanhã são os afamados leões e tigres do arrojado domador Mr. Williams e depois serão outras celebridades assombrosas, porque a empresa não olha a dinheiro para con-

servar a sua reputação e para corresponder á preferencia, que o publico dá aos seus espectaculos.

É geral o anccio de vêr na mesma jaula tigres e leões, inimigos irreconciliaveis, obdecendo á vontade de um homem, que os domina com um olhar, que os subjuga com um gesto, que os intimida com uma unica palavra.

Quando é a noite da apresentação do domador ao publico? é a pergunta geral.

Breve, muito breve, podemos nós assegurar-lhes, porque, se é grande o desejo do publico em assistir a esse espectaculo, não é menor o interesse da empresa em satisfazer-lho quanto antes.

Veremos e depois contaremos.



ALBUM

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel das paixões, que me arrastava.
Ah! cego eu cria; ah! misero eu pensava
Em mim quasi immortal da essencia humana.

De que innumerous sóes a mente ufana
A existencia fallaz me não dourava;
Mas eis succumbe a natureza escrava
Dos males que a vida em sua origem damna.

Prazeres, socios meus e meus tyranos,
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos.

Deus, Deus meu, quando a morte a luz me roube
Ganhe um momento o que perderam annos.
Saiba morrer o que viver não soube.

M. M. B. DU BOCAGE.



HISTORIA DE PARIS

Resumo da historia e desenvolvimento da capital de França desde os tempos mais remotos ate aos nossos dias

VERSÃO DO FRANCEZ DE ROGERIO DE VILLAMAIOR

V

Os primeiros Capetos

A CAPITAL do reino começou, em 1130, a exercer grande influencia nos negocios politicos. Em 1147 appareceram em Paris os cavalleiros do Templo e não tardou muito, que fundassem um estabelecimento celebre na historia.

O posto da Grève e a igreja de Saint-Médard são construcções d'este reinado.

Philippe Augusto, filho e successor de Luiz VII, dotou a capital com novas fortificações; ainda se vê no extremo da rua Clovis os restos d'essa grande muralha, que levou vinte annos a construir. Temendo que Paris fosse atacada pelos inglezes, durante a sua ausencia na Terra Santa, Philippe Augusto mandou cercar os arredores por um muro de sete a oito pés de espessura, encimado por cinco torres e tendo além d'isso um profundo fosso. Começou-se em 1190 pelo lado septentrional. Este principe quiz dar um brilhante aspecto à sua residencia favorita. Como lhe faltasse, porém, o dinheiro, empregou meios indignos mas efficazes; os judeus foram accusados de crimes espantosos e as auctoridades sequestravam-lhes as fortunas. D'este modo pôde-se trabalhar para o embelezamento da capital. Mandou calçar as ruas, até então muito sujas, lodosas e exhalando miasmas putridos.

Fundou tambem as primeiras *halles* (praças de mercado.)

Depois da batalha de Bouvines (1214) Philippe Augusto recebeu dos parisienses provas de inequivoca amizade, distinguindo-se d'entre todas as dos estudantes da Universidade.

Acabou a construcção de Notre-Dame e do Louvre.

Fontes e aqueductos augmentaram o bem estar geral.

N'este reinado constituiu-se definitivamente a corporação dos *mercadores de agua*¹ e que dispunha exclusivamente da navegação do Sena.

Filippe Augusto melhorou as instituições locais, concedeu cartas às *communas* e por seus actos de benevolencia deixou grata memoria em todos os habitantes de Paris.

A cidade occupava então uma superficie de, pouco mais ou menos, duzentos e cincoenta e tres hectares.

(Continúa.)

POR UM BEIJO

ROMANCE DE ERNESTO CAPENDU

(Continuado do numero antecedente)

XII

D. Paco

Não vou descrever-lhe, hora por hora, os incidentes da nossa viagem desde Mayence a Strasbourg—proseguiu sir Williams,—gastamos tres dias n'esse trajecto.

¹ Agudeiros, como nós lhes chamamos.

A marquezia devia aproveitar o caminho de ferro francez para atravessar a Alsacia e chegar a Bale.

Depois do meio dia estavamos em Kehl, e n'essa noite deviamos tomar o expresso. Eu tinha notado que, ao passo que nos approximavamos do termo da nossa viagem, a marquezia se tornava mais preocupada. Parece que ella tinha uma apreensão dolorosa do termo d'essa jornada, que ella fazia com tanta precipitação, que nem sequer descançava.

Um occulto pensamento, que eu não podia adivinhar, projectava uma sombria tristeza em todas as suas palavras e oppunha-se às manifestações scintillantes do seu perspicaz espirito.

A promessa que eu tinha feito prohibia-me de fazer perguntas a esse respeito e pouco a pouco essa tristeza assenhoreou-se tambem de mim e reconduziu-me às lugubres ideias, que já me tinham abandonado.

O *spleen* voltava de novo e a ideia da morte era o meu pensamento fixo. E eu revoltava-me contra a dura necessidade de esperar ainda quatro mezes para poder realisar o meu projecto de suicidio.

Agora que eu posso analysar a sangue frio as sensações, que então experimentava, posso afirmar-lhe, Roberto, que eu não estava ainda apaixonado pela marquezia.

Eu sentia o encanto, é verdade, experimentava um prazer, que não sei occultar, passando as minhas horas junto da gentil viajante, eu reconhecia e tinha prazer em estudar os thesouros do seu espirito e admirar as bellezas de que tinha sido tão prodiga com ella a natureza; mas o amor não tinha fallado ainda ao meu coração e nas nossas precedentes conversas nada, além da scena com o pescador, podia indiciar essa paixão da qual bem cedo experimentei o imperio.

Uma palavra devia accender o incendio, mas essa palavra não tinha sido ainda pronunciada, quando nos instalamos no wagon do caminho de ferro de Strasbourg a Bale.

A marquezia ia abstracta, como já lhe disse e eu entregava-me de corpo e alma ao *spleen*, que de novo enterrava a sua garra de ferro nos lóbos do meu cerebro.

Quando nos dirigimos a palavra, deixei-me arrastar pela corrente de ideias, que me dominavam: e do tedio da vida, que se manifestava, em cada uma das minhas palavras, cheguei depressa à apologia da morte.

A marquezia ouvia-me fixando em mim os seus formosissimos olhos.

Evidentemente ella não podia comprehender a minha maneira de pensar.

Para convencel-a, descrevi-lhe o que se passava dentro em mim e contei-lhe a minha resolução inabalavel de deixar o mundo e o meio que tinha resolvido empregar para fazer a minha viagem da morte.

Quando terminei ella não me disse nada e momentos depois mudou de assumpto, sem me ter dado sequer uma palavra para desviar-me da minha resolução.

O nosso cavaco animou-se, como nos dias precedentes.

Finalmente passamos a penultima estação e faltavam poucos minutos para nos separar-nos.

Já o silvo da machina nos avisava do termo da viagem, quando a marquezia pegando-me bruscamente na mão e olhando-me fixamente me disse:

— Sir Williams o sr. brincava, quando ha pouco me fallou dos seus sinistros projectos?

(Continúa.)

PASSATEMPO

ENIGMAS

| | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| P | O | E | N | P | V | E | O | H | C |
| 2 | 2 | 1 | 1 | 2 | 3 | 1 | 1 | 3 | 4 |

ROMANO ALFREDO MOREIRA.

PERGUNTA ENIGMATICA

Qual é a palavra que está na espada e no chão, na gravata e na cortina, que serve para medir, para atravessar os charcos e tambem é um vaso?

Braga. M. A. VASQUES.

CHARADA EM QUADRO

. No jogo
. Rio
. Ave
. Cidade.

ZÉ FUNÉ.

CHARADAS NOVISSIMAS

O que é que dá vida, sustenta e mata?—
1—1.

ZÉ FUNÉ.

Ha este numero no Limociro—1—2.
Na musica esta nota bate-se—1—1.

JOAQUIM MARIA GUERRA.

Na musica e na musica é abrigo—1—1.

Este homem na musica é meu parente—
2—1.

ROMANO ALFREDO MOREIRA.

EXPLICAÇÃO DO PASSATEMPO DO N.º 23

Charadas—Lisbonina—Hebdomadario.
Charadas electricas—Agil—Odor—Ebro.



DONZELLA TURCOMANA